

SOL

14-02-2014

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 58246

Temática: Internacional

Dimensão: 972

Imagem: S/Cor

Página (s): 50/51

# FUGA DE RECURSOS EM ÁFRICA

Félix Abias

José Maurício

Africa perde 50 mil milhões de dólares por ano em fluxos ilícitos. Em Angola, são retirados dezenas de milhões anualmente. Especialistas defendem que os Governos africanos devem criar leis para controlar os fluxos financeiros internacionais.

O vice-secretário-geral da ONU, Jan Eliasson, e o ex-Presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, destacaram recentemente a necessidade de esforços globais para lidar com o problema dos fluxos financeiros ilícitos originários de África, que vêm prejudicando o desenvolvimento do continente nas últimas décadas.

Segundo estimativas das Nações Unidas divulgadas pelo segundo Presidente sul-africano após o *apartheid*, África perde 50 mil milhões de dólares por ano em fluxos ilícitos, o que ultrapassa os investimentos recebidos pelo continente.

De acordo com aqueles responsáveis, cerca de dois terços desses fluxos de saída têm origem em ac-

tividades de multinacionais, enquanto 30% vêm de actividades criminais, incluindo tráfico humano e narcotráfico, bem como outras práticas de corrupção.

Pela colocação feita pelo ex-PR da África do Sul, amparado em dados da ONU, cerca de 70% dos fluxos de capitais ilícitos em África advêm de empresas internacionais formalmente constituídas. Ou seja, presume-se que os fundos financeiros destas empresas são maioritariamente originários da exploração de actividades legais da economia formal.

## Truques com facturação são meios para desviar dinheiro

O economista Celso Borja considera que a remessa para o exterior destes recursos dos países africanos, já sob a condição de ilícitos,

pode se dar pela prática da ocultação de facturação, super-facturação de custos, nomeadamente quando há produtos importados, meios ilegais de remessas de capitais a título de pagamento de obrigações com o exterior, ou ainda por meio de empréstimos bancários de «gaveta» – sendo que em ambos os casos os juros e encargos são artificialmente elevados.

Isso acontece, segundo o economista, porque «os Estados africanos têm muitos problemas, as economias continentais não são endógenas. Grande parte dos recursos minerais em África está na zona austral, os países desta região não têm economias domésticas fortes, dependem das importações, assim como dependem do *know-how* da tecnologia do estrangeiro. Estes factores influenciam o branqueamento de capitais no continente».

Borja é da opinião que em todo continente «essas condutas podem ser combatidas através da regulação da legislação tributária e também de repatriamento de capitais para o exterior».

Já o especialista em relações internacionais Mário Pinto de Andrade defende que os países africanos devem procurar controlar todo o fluxo financeiro que circula e sai do

continente, e condenar aqueles que insistentemente fazem sair dinheiro de forma ilícita. «Há muito branqueamento de capitais no continente, os investidores estrangeiros são, maioritariamente, os protagonistas destas acções».

Celso Borja defende que é altura dos Governos africanos se imporem, criando leis proteccionistas que possam controlar melhor a massa monetária do país, porque os investidores «dominam as leis dos países africanos e criam mecanismos para contrapô-las».

## Angola perde dezenas de milhões por ano

O próprio Presidente angolano, José Eduardo dos Santos –

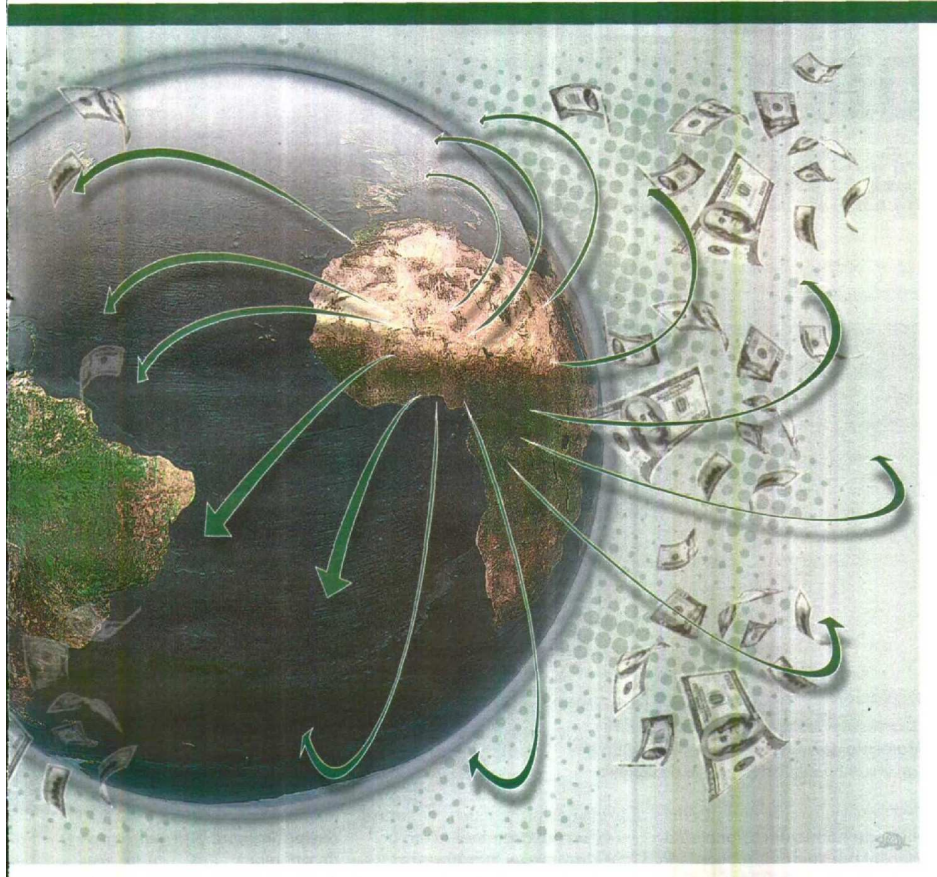
«Os investidores dominam as leis dos países africanos e criam mecanismos para contrapô-las», diz Celso Borja



quando do discurso preferido na Assembleia Nacional sobre o Estado da Nação, em Outubro de 2013 –, disse que um simples levantamento dos resultados das empresas americanas e francesas no sector dos petróleos ou das empresas e bancos comerciais com interesses portugueses em Angola mostra que todos os anos são levados de Angola dezenas de milhões de dólares. «Porque é que eles podem ter empresas privadas dessa dimensão e os angolanos não?», questionou.

Para Eduardo dos Santos, «são feitas persistentemente campanhas intimidatórias contra os africanos, porque não querem ter concorrentes locais e querem levar cada vez mais riqueza para os seus países».

O economista Celso Borja sublinha que esse tipo de cenário acontece mais nos países com baixo ou médio grau de desenvolvimento, como é o caso da maioria dos países do continente africano: «É preferível adoptar-se taxas efectivas de impostos mais baixas, quando comparadas com



os países mais desenvolvidos, que têm base alargada de contribuintes».

Por outro lado, o entrevistado defende a necessidade dos Bancos Centrais dos países africanos reabilitarem as suas estruturas funcionais do ponto de vista de recursos humanos, bem como materiais, sobretudo em sistemas informáticos, no sentido de monitorar com mais eficiência as operações cambiais entre as empresas e os operadores do mercado de divisas.

#### **Oposição diz que são os africanos que levam para fora**

Sobre as declarações de Thabo Mbeki, o deputado da CASA-CE, Lindo Bernardo Tito, comentou: «Não podemos dizer que os ocidentais estão a levar o nosso dinheiro. Estão a pagar impostos – e esses impostos ninguém sabe onde vão parar».

Para este deputado da oposição, são os africanos que retiram dinheiro de forma ilícita e levam para fora do continente: «Estou a ver Thabo Mbeki a dizer que a corrupção em África está a fa-

cilitar as grandes potências estrangeiras e que é um cancro, e precisa de ser erradicado».

Por seu turno, o deputado do MPLA João Pinto alertou para o cuidado a ter com discursos sobre o branqueamento e fuga de capitais. Segundo o deputado do maioritário, «quando há muitos recursos, às vezes também há muitas falhas. Por isso é que, em Angola, se aprovou recentemente uma lei sobre os crimes subjacentes ao branqueamento de capitais».

João Pinto observou que algumas discussões sobre a fuga de capitais estão associadas aos acontecimentos de 11 de Setembro nos EUA. «No nosso caso, com a aprovação da lei sobre o branqueamento de capitais, vamos procurar combater estes actos», prometeu o político.

Já o porta-voz da UNITA, Alcides Sakala, considerou serem verdade as declarações do antigo Chefe do Estado da África do Sul, Thabo Mbeki, quando afirmou que África perde 50 mil milhões de dólares anuais.

Segundo o responsável do maior partido da oposição, Angola é um exemplo disso, sendo por isso urgente que se faça, ao nível da Assembleia Nacional, um debate à volta da gestão da Sonangol, a maior empresa do país.

No caso da África do Sul, por exemplo, afirmou o responsável da UNITA, há instituições mais sólidas e mais mecanismos para «travar esta fuga de capitais. É mais difícil a fuga de capitais, porque tem mais transparência e uma democracia mais sólida», exemplifica Alcides Sakala. Questionado sobre as soluções para esta fuga de capitais de África, Sakala apontou a democratização dos países, onde os sistemas judiciais sejam mais independentes.

A Comissão Económica das Nações Unidas para África considera, por sua vez, que o dinheiro perdido é suficiente para resuscitar o continente africano. Esta mesma comissão iniciou uma luta «sem paralelo» com vista a travar a circulação e exportação de capitais ilícitos do continente africano.